



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1299

Etnicidade no Antigo Oriente Próximo: Um estudo sobre os Hititas

Leonardo Candido Batista
(UEL)

Resumo

O propósito deste artigo é analisar a formação de uma identidade no Antigo reino hitita, tentar entender o surgimento de uma etnicidade através do hibridismo ocorrido na Anatólia entre a população local e remessas de invasões indo-europeias, isso porque os hititas mantiveram diversas formas da cultura existente que pode ser percebida através da língua, arte, cultura e religião. Analisaremos as características étnicas da Anatólia hitita mostrando que desde o período neolítico ali foi um lugar de complexas civilizações, um lugar que já se demarcava com grandes centros, os povos ali existentes antes da chegada dos indo-europeus possuíam uma cultura rica e dinâmica. É importante analisar essas ideias, pois o povo que se consagrou com o nome “hitita” era uma complexa rede de diversas etnias, com características diversas e de origens diferentes em vários aspectos culturais, sociais, religiosos e até político. O termo “hitita” será também estudado, pois dar um nome a uma sociedade tão complexa como essa que existiu na Anatólia é muito complicado se analisarmos os contextos étnicos em jogo. O Estudo dos hititas também traz grandes contribuições para a análise das etnicidades no mundo antigo, pois como já foi explicado, eram diversos povos que moldaram uma sociedade com diversas características culturais. Esse estudo traz também formas de pensar a identidade no mundo antigo, tentar ver como elas se estabeleciam em um mundo onde a guerra era constante e diversas mudanças políticas aconteciam.

Palavras-chave: Hititas; Anatólia; etnicidade

Introdução

No século XIX pensava-se que os hititas eram um povo de origem Cananéia que viveram em algum lugar na palestina, esse entendimento era baseado em algumas menções dos hititas na bíblia. Acreditava-se também que sua região de formação a Anatólia era apenas um misterioso vazio. Mas no começo do século XX, graças aos trabalhos de Hugo Winckler foi decifrada a língua hitita, e a partir daí descobre-se que a Anatólia foi o lar de complexas civilizações. Muito se escreveu sobre os hititas, alguns viam sua superioridade, como eles sendo indo-europeus e o pioneirismo no uso de armas de ferro.

O estudo dos hititas em seus primórdios esteve encarregado dos alemães, mas em 1952 surge uma obra fundamental que de certa forma revolucionou o estudo desse povo. O clássico *The Hittites* de Oliver Gurney, foi uma das primeiras historiografias do assunto, trouxe novas discussões sobre a formação desse estado, suas relações com outros povos do oriente e discussões sobre a origem dos hititas. Mas o estudo dos hititas terá seu zênite da década de 90, a partir daí muitos novos debates ganham espaço e novas historiografias aparecem. Hoje sabemos que o reino dos hititas era uma das forças do bronze tardio, rivalizando e até mesmo superando no século XIV a.C, os mais poderosos reinos como o Egito. Os reis hititas controlavam de sua capital uma vasta rede de estados vassallos que no auge da política hitita se estendeu da costa do egeu da Anatólia até a Mesopotâmia e a Síria.

Mesmo assim muito ainda têm para se discutir sobre os hititas, muitos assuntos sobre esse povo são fundamentais para entender o funcionamento da sociedade da idade do bronze. A semente da formação de sua identidade será depositada na Anatólia por influências mesopotâmicas que irão se misturar com a cultura local. Assim esboçar a identidade dos hititas é uma peça importante para o estudo do antigo oriente, pois esse tema não pode ser estudado em isolamento,

esse mundo foi marcado por um elevado grau de coesão cultural e diversidades e por uma complexa rede de políticas comerciais.

O objetivo desse artigo é analisar a formação de uma identidade no Antigo reino hitita, tentar entender o surgimento de uma identidade através do hibridismo ocorrido na Anatólia entre a população local e remessas de invasões indo-europeias, isso porque os hititas mantiveram diversas características da cultural existente que pode ser percebida através da língua, arte, cultura e religião. Buscar um entendimento das relações entre as colônias assírias do começo do segundo milênio e as populações locais da Anatólia (já misturadas com indo-europeus), estudando as trocas culturais, influências mesopotâmicas adotadas e se misturando com costumes *hattians*, indo-europeus e hurritas.

Apesar desse trabalho apresentar uma análise étnica na Anatólia hitita, ele não se propõe em ser simplesmente o recorte de um determinado período histórico do Antigo Oriente Próximo. O período hitita, assim como tantos outros períodos dessa determinada faceta histórica devem ser entendidas como um conjunto, pois esse mundo estava em constante interação e dinamismo com todas as áreas adjacentes.

Para Liverani (1995, p.22) não há dúvida, a conexão do antigo Oriente próximo não é a original, porque foi precedida de outras fases pré e proto-históricas, tão essencial como ela no continuum do desenvolvimento. É só uma de tantas, e similar a qualquer outra conexão, incluindo os que formam parte do eixo principal que tem estabelecido a historiografia ocidental moderna. Mas também deve ser objeto de uma atenção especial, ou por sua crucial colocação histórica, como início e limite de importantes processos que formaram as sociedades de estrutura complexa, ou por seu papel privilegiado baseado nos mitos e realidades que formam parte da nossa cultura e devem ser objeto de crítica e esclarecimento, sem por isto renegar ou banir da memória de uma maneira simplista.

Mario Liverani (1995, p.38) essa geografia é uma característica natural do Oriente Próximo, e um dado importante do ponto de vista histórico, porque supõe que regiões com vocações e recursos distintos estão interligadas e em estreito

contato. Para Liverani os conceitos dessa rede de ligações que utilizam três conceitos; ponto nodal, fronteira e nicho. Ponto nodal (esse seria a união de duas zonas distintas. Através dela passam, em ambas direções, experiências e produtos, homens e tecnologias, que existam e uma zona, e não na outra. Em geral esse acontecimento implica uma mudança nos códigos expressivos e de valores, com um efeito de fecundação recíproca, de comparação e ajuste dos resultados, que tanto contribuíram para a evolução das comunidades humanas desde os tempos mais antigos.). Fronteira (zona de fronteira é a marginal e a terminal de um núcleo cultural determinado, por outro lado da qual segundo os membros dessa comunidade não há nada, ou é geralmente inferior, é um território apetitoso para a exploração de matérias primas, mediante a trocas desiguais, até chegar a forma de conquista militar e a expansão imperial). Nicho (esse sublinha o valor de certas zonas compactas e coerentemente delimitadas por pontos nodais mais ou menos próximos, e protegidas pelo meio que as rodeiam).

Objetivos

Analisar a formação da identidade entre os hititas, estudar através das fontes como surgiu e foi estabelecida entre esse povo híbrido da formação do reino até o seu desaparecimento no final na idade do bronze. Começar discutindo o espaço da Anatólia é interessante para mostrar como desde o período neolítico ali foi um lugar de complexas civilizações, um lugar que já se demarcava com grandes centros, os povos ali existentes antes da chegada dos indo-europeus possuíam uma cultura rica e dinâmica. É importante analisar essas características, pois o povo que se consagrou com o nome “hitita” era uma complexa rede de diversas etnias, com características diversas e de origens diferentes em vários aspectos culturais, sociais, religiosos e até político. O termo “hitita” será estudado também, pois dar um nome a uma sociedade tão complexa como essa que existiu na Anatólia é muito complicado se analisarmos os contextos étnicos em jogo. Outros objetivos são:

- Estudar a formação desse povo de características diversas e culturais pelo hibridismo que ocorreu na Anatólia entre os *hattians* (população local) e os indo-europeus.
- Estudar a influência assíria através das colônias comerciais na Anatólia que trouxeram a cultura mesopotâmica para aquela região, fazendo surgir os primeiros elementos de identidade através uma escrita cuneiforme com a língua local.
- Analisar as características étnicas existentes na Anatólia e ver se podemos fixar uma etnogênese do que seriam os “hititas” para buscar entender melhor as bases sociais e culturais existentes entre os diversos povos que habitavam essa região e ajudaram a estabelecer esse reino
- Buscar ver como a identidade dos hititas se fixou ou mudou através das diversas influências com os mais diversos povos, desde o começo até o final da história dos hititas sempre tiveram ondas de influências externas, isso se observa nos cultos, títulos reais e religião. Observar como essas formas modificaram a sociedade dos hititas

Resultados

Quando falamos sobre os hititas é importante começarmos sobre a sua formação, compreender que era um povo híbrido, formado por elementos indo-europeus, hurritas, *hattian*, sírios e mesopotâmicos. A região da Anatólia foi onde os hititas se estabeleceram e fundaram o seu reino. Como destaca James Macqueen (1986, p.11) a Anatólia era uma terra cheia de possibilidades, grandes fontes de matérias primas, sendo esse um fator importante para as migrações indo-europeias na região. Na região da Anatólia podemos ver como é intrínseco a ideia de fronteiras e pontos nodais, como explica Liverani (1995, p. 38) enquanto o ponto nodal é biunívoco, a fronteira é uma direção, é um ponto de vista. E enquanto o ponto nodal tende a ser estável, ao encontrar-se integrado com as características físicas e econômicas, a fronteira tende a ser móvel, objeto de uma propulsão em direção

frontal se seu núcleo central é forte, mas também de violação e colapso se as forças caóticas exteriores façam que sua maior mobilidade e número prevaleçam sobre a qualidade e estabilidade da região central.

Por volta de 2300 a.C. tem-se evidências de grandes mudanças em algumas regiões da Anatólia, particularmente ao oeste e no sul, e os estudiosos associam esse período com a incursão dos indo-europeus na região. James Mellaart (1971, p.681) fala que os recém-chegados falavam uma variedade de línguas indo-europeias e tinham uma cultura, religião e economia um pouco parecidas com a da população local. Acredita-se que no final do terceiro milênio havia três grupos de povos na Anatólia que falavam as línguas indo-europeias: os luvitas no oeste, os palaicos no norte e os nesitas no centro e no leste.

Theo Van de Hout (2011, p. 47) fala que o legado da escrita do reino hitita pega um tempo de quase 500 anos (1650-1180 a.C), durante esse tempo a classe dominante hitita usava dois tipos de textos, cada um com sua própria linguagem. O hitita é atestado como a língua dos reis, da família real e seus dependentes e era escrita em cuneiforme. A língua hitita (ou Nesita como era conhecida pelos hititas) aparentemente começou a ser usada no governo de *Hattusili I* em diante, essa era a principal língua administrativa, Craig Melchert (1995, p. 2152) fala que o hitita é sem dúvida uma língua indo-europeia em todos os aspectos, tem influências como o *Hattic*, o Hurrita e o Acadiano. Embora essa discussão seja complexa é importante ressaltar que uma cidade do começo do segundo milênio parece conter elementos indo-europeus, essa cidade era conhecida como Nesa, que foi um dos importantes centros de troca na época das colônias assírias. Nesa vem de nesita que eram uma das línguas indo-europeias

A grande parcela da população que habitava a Anatólia nesse período. Como explica Theo Van de Hout (2011, p. 48), falavam uma forma de luvita, mas que desenvolveu suas próprias características e formas os chamamos “hieróglifos Luvitas”. Esse sistema de escrita é atestado do século XV a.C, mas há possíveis precursores que datam da primeira metade do segundo milênio a.C. Esses hieróglifos não têm nada a ver com os egípcios, é uma criação original desses povos.

Apesar das invasões indo-europeias serem discutidas às vezes como hipóteses e algumas vezes como concretas, não se pode negar a influência dessa característica, pois existem evidências de que houve uma cultura indo-europeia na região e essa cultura se misturou ou os povos autóctones da região. Dessa maneira vemos como acontece o hibridismo na Anatólia, diversas culturas se entrelaçando fazendo surgir novos aspectos desse encontro, mas algo a mais estaria por vir, algo que levaria para essa região um aspecto fundamental para a formação de um povo, de uma identidade. A noção de pessoa, de ser humano existente na mesopotâmia contribuirá para a formação da identidade do povo da Anatólia, e essas ideias virão com muita força com as colônias assírias. As colônias assírias (conhecidas como *Karuns*) funcionaram no platô da Anatólia como um dinamizador da política, economia e cultura, é a partir desse momento que aparecem os primeiros documentos escritos na região.

Cécile Michel (2009, p. 71), fala da exportação de Assur para a Anatólia de produtos têxteis e estanho em troca de prata e ouro. As colônias se estabeleciam em uma região estrangeira longe de sua terra. O comércio era estabelecido por tratados com os governantes locais da Anatólia. Embora essas colônias estivessem longe de Assur, a estrutura existente seguia os moldes mesopotâmicos. Assim, segundo Hildegard Lewy (1971, p. 715), os assírios estabeleceram um padrão de dominação que será seguido ao longo de sua história, eles deixavam o governante local intocável no trono se eles estivessem dispostos a aceitar a supremacia assíria. O tratado de vassalagem era concluído por um juramento dos dois lados e o príncipe local se tornava “filho” do rei assírio que frequentemente mandava uma mulher da casa real para casar com o novo vassalo e tropas para proteger seu reino. Trevor Bryce (2005, p. 24) fala que podemos concluir pelos textos assírios que o período das colônias era dominado por diversos reinos chamados *matu* (singular de *matum*). Assim, seguindo a ideia de Bryce, não podemos ter certeza de até aonde chegava a autoridade ou influência desses reinos. Cada foco tinha uma cidade chefe, na qual o governador (*raba`um*) exercia uma ampla autoridade sobre as comunidades dentro de seu reino. Mas esses governantes estavam sempre sujeitos à autoridade dos governadores dos *matum* a que eles pertenciam. Outro aspecto que chama muita

atenção é como os assírios adoraram costumes característicos da região da Anatólia:

Pode-se observar que os anatólios viviam ao sul do *Karum*, eles se envolviam no comércio, mas não participavam do papel administrativo da colônia. Os assírios se estabeleceram ao norte. Nas casas foram encontradas mobílias e cerâmica de características puramente anatólias. Muitos ritons com desenhos geométricos e formatos originais de animais, para usos de culto. Armas, metal, vasos, estatuetas e joias foram encontradas nas tumbas, debaixo dos pisos de algumas casas. Os assírios usavam produtos locais. (MICHELLE, 2009, p. 74).

Dessa forma vemos uma incorporação da cultura local implantada no seio da sociedade assíria que ali se estabeleceu. Seguindo a ideia de Handelman (1977 apud ERIKSEN, 1993, p. 42), a categoria étnica é construída quando as categorias contrastivas são usadas para identificar membros e intrusos. Eriksen (1993, p. 42) explica, em outras palavras, que a participação em uma categoria étnica ensina ao indivíduo um comportamento apropriado em face de outros, passa conhecimento sobre ele ou ela (colocando) origens e legitimando a existência de uma categoria étnica. Em um sistema de interação onde grupos étnicos associados não existem, mas onde categorizações étnicas são usadas, a etnicidade continua sendo altamente importante como um princípio para a interação. Estando estabelecidos na região da Anatólia, os assírios tiveram que adotar costumes e características locais, pois eles partilharam e dividiram costumes com as populações locais. Seguindo a tipologia de Handelman (1977 apud ERIKSEN, 1993, p. 42), que pensa essa característica como uma “rede étnica” – conceito segundo o qual uma pessoa irá regularmente interagir em termos de uma parceria étnica. A principal diferença entre categorias e redes consiste na forma de distribuir recursos entre os membros do grupo. Tal rede é baseada em princípios de caracterização étnica, criadas durante laços interpessoais entre membros da mesma categoria e ainda pode servir para organizar contatos entre estranhos. É importante fazermos essa discussão étnica, pois dessa forma podemos observar como foi surgindo o hibridismo cultural e étnico que acabou por formar a sociedade que chamamos de hitita.

Com todo esse quadro étnico abordado sobre a Anatólia hitita, ainda é difícil esboçar padrões de etnicidade nesse lugar. Como explica Amir Gilan (2008, p. 108) a figura emergente ao longo de séculos de estudos nos arquivos de Hattusa desafia qualquer definição étnica ou cultural simplista. O hitita, a principal língua administrativa do reino era conhecida por seus falantes como Nesita. Assim Gilan chama a atenção para que os que falavam essa língua se identificavam como habitantes da terra de Hattusa. O começo da religião hitita assim como sua ideologia real era também uma mistura de diferentes componentes. Para Trevor Bryce (2014, p.130) o elemento indo-europeu na classe governante hitita pode nunca ter sido majoritário no reino. Sendo que é bem possível a maioria da população fosse de origem *hattian*, pelo menos nos primeiros anos. Elementos dessa cultura, inclusive seus remanescentes na língua, sobreviveram em pequenas partes nos arquivos hititas.

É importante destacar os povos vizinhos aos hititas, porque eles transmitiram características culturais na qual foram reformuladas na terra de *Hatti*, é o caso dos luvitas, importantes principalmente da língua. Os povos que supostamente se chamavam luvitas, segundo a maioria dos especialistas vieram em ondas de invasões no terceiro milênio e se estabeleceram na região oeste da Anatólia, nos textos hititas essa terra era chamada de *Arzawa*. Como explica Craig Melchert (2003, p.2) A definição do que é “luvita” e “luvitas” prova ser impraticável, porque temos uma ideia imperfeita da noção e da extensão territorial. Uma razão para isso é que não existem evidências de que havia um estado ou política luvita unificada – não tendo reis ou uma capital. Para Gilan (2008, p. 108) a cultura hitita é bricolagem de elementos entrelaçados em um processo de transculturação demorado, a formação política e a consolidação do reino hitita ao longo da história foi executada por uma surpreendente distinção de grupo de autores. David Hawkins (2014, p.31) explica que o termo “Terra de *Luwiya*” parece ser um termo étnico linguístico do Velho hitita referindo-se as terras onde se falavam o luvita, assim como a Terra de Pala, onde a língua era o palaico. Esses dois termos aparecem juntos nas Velhas leis hititas, opostos a “Terra de Hatti”.

A região da Ásia Menor na época hitita era um complexo emaranhado de culturas, portanto é difícil até utilizar o termo “hitita” para analisar essa tão composta sociedade, é o que Güterbock (1957, p. 233) argumenta sobre a etnicidade na Anatólia, sendo que para ele devemos separar essa em duas esferas: linguística e cultural. Os que falavam a língua hitita fizeram parte do que foi chamada “civilização hitita”, mas eles eram uma cultura mista e não podem ser atribuídos como um único grupo étnico. Assim o nome hitita deve significar alguma coisa se aplicado à linguagem, outra coisa se aplicado à civilização. Assim podemos observar como as fronteiras étnicas são fluidas, como destaca Eriksen (1993, p. 39) elas não são isoladas uma das outras, existe um contínuo fluxo de informação, interação e trocas e às vezes até as pessoas a atravessam.

Na religião o panteão hitita era repleto de divindades, isso mostra a flexibilidade dos hititas em relação a abraçar e absorver outras culturas. Na religião hitita podemos observar como as fronteiras étnicas são flexíveis e tangíveis, aquelas diversas culturas que deram origem ao reino dos hititas no bronze tardio, eram interligadas uma a outra, alimentando e cimentando essa complexa sociedade formou esse *melting pot* cultural que chamamos de reino hitita. Como destaca Barth (2008, p. 195) as fronteiras sociais podem ter contrapartidas territoriais. Se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão. Além disso, a fronteira étnica canaliza a vida social – ela acarreta de um modo frequente uma organização muito complexadas relações sociais e comportamentais. A identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e de julgamento.

Assim, como destaca Trevor Bryce (2014, p.135) os hititas mostraram uma grande capacidade de absorver em sua civilização uma ampla variedade de elementos culturais de outras terras. Uma das suas aquisições mais importantes estrangeiras foi a escrita. A literatura no mundo hitita começou pelo emprego da escrita cuneiforme dentro da administração do reino, provavelmente iniciadas por escribas sírios, contratados ou capturados.

Na Anatólia do período hitita podemos ver como os grupos étnicos são realçados através das fronteiras, como destaca Eriksen (1990, p.38) O grupo étnico é definido através de suas relações com outros, realçado através da fronteira, e a própria fronteira é um produto social na qual pode ter variável importância na qual pode mudar através do tempo. As culturas de um grupo assim como as formas de organização social podem mudar sem remover a fronteira étnica. Em alguns casos, grupos podem efetivamente se tornar culturalmente mais similar ao mesmo tempo que as fronteiras são fortalecidas.

Yoham Cohen (2001, p.114) analisa uma outra questão de alteridade no mundo hitita, definindo a expressão *natta ara*, que significa “não certo” ou “não correto”. A avaliação desse termo ajuda a entender o que os hititas entendiam como normal, ou como o “outro”. Esse termo aparece em diversas fontes, tanto em questões políticas, como em questões de culto e até normas sexuais.

Considerações Finais

Devemos lembrar que a etnicidade em Hatti nunca foi vista como um conceito racial, até porque isso seria um conceito bem anacrônico para uma época tão remota, mas que quando analisadas questões étnicas, devem ser sempre ressaltadas. Até o povo de *Kaska*, que deram problemas nas fronteiras norte do reino hitita, nunca foram demonizados ou mostrados com uma carga muito negativa, como ressalta Cohen (2001, p.114). Para Itamar Singer (2007, p. 176) a tribo de *Kaska* pode ser um remanescente étnico dos indígenas *hattians*, que foram deslocados para o norte pelos hititas.

Os hititas nunca usaram um específico termo étnico para se identificarem, como explica Bryce (2014, p.130) eles simplesmente se referiam a si mesmos como o povo da terra de Hatti. Assim eles identificavam a si mesmos pela referência da região em que viviam, adotando o nome que provavelmente era usado antes dos primeiros registros escritos aparecerem. A população da capital, da terra, e o reino

hitita em geral era tão diversificado em sua composição que seria impossível usar um único termo abrangente para designá-los.

Gilan (2008, p. 111) caracteriza que uma apresentação instrumentalizada, na qual investiga os contextos que as identidades foram constituídas e articuladas na Anatólia “hitita”, pode ser mais promissora que uma postulação a priori ou uma negação de identidades étnicas. Como vimos com Eriksen, uma etnicidade emerge como resultado de um processo de diferenciação social ou em contato com outros grupos. Assim o processo da etnogênese “hitita” pode ser estudado no contexto da expansão territorial, e o resultante contato com outras “civilizações” ou em relação ao processo de diferenciação social (GILAN, 2008, p. 2011).

Trevor Bryce (2014, p.136) fala que a Hattusa era uma verdadeira babel de línguas ecoadas a vias e caminhos da capital. Burocratas reais falando nesita, descendentes de luvitas trazidos como butim, escribas que falavam acádio e emissários do rei da babilônia, mercadores e representantes de estados vassalos falando uma variedade de línguas, sacerdotes e adivinhos hurritas a serviço dos diversos templos da cidade, enviados egípcios e seus séquitos em serviço do faraó, esperando uma audiência com o rei hitita.

Referências

BARTH, Frederick. In POUTIGNAT, Philippe & STREIF-FENART (orgs). **Teorias da Etnicidade. Seguindo de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BRYCE, Trevor. Hittite and Anatolian Ethnic Diversity. In: McInerney (org). **A Companion to Ethnicity in the Ancient Mediterranean**. Oxford: Blackwell Publishing, 2014.

_____. **Life and Society in the Hittite World**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

_____. **The Kingdom of the Hittites**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

CHILDE, Gordon: **A Evolução Cultural do Homem**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

COHEN, Yoram: The Image of the “Order” and Hittite Historiography. In: Abusch, Beaulieu, Huehnergard, Machinist and Steinkeller (orgs). **Historiography in the Cuneiform World. Proceedings of the XLVe rencontre Assyriologique Internationale Part I**. Maryland: CDL Press Bethesda, 2001.

ERIKSEN, T.H. **Ethnicity and Nationalism: Anthropological Perspectives**. London: Pluto Press, 1993.

GILAN, Amir. Hittite Ethnicity? Constructions of Identity in Hittite Literature. In: COLLINS, BACHVAROVA and RUTHERFORD (orgs). **Anatolian Interfaces: Hittites, Greeks and Their Neighbours**. Oxford: Oxbow Books, 2008.

Hawkins, J.David. Luwians versus Hitites. In: Mouton, Rutherford and Yabubovich (orgs). **Luwians Identities: Culture, Language and Religion between Anatolia and Aegean**. Leiden: Brill, 2014.

HOUT, T. Van Den. The Written Legacy of the Hittites. In: Gens and Mielke (orgs). **Insights into Hittite History and Archeology**. Leuven: Peeters, 2011.

LEWY, Hildegard. Anatolia in the Old Assyrian Period. In: EDWARDS, GADD, HAMMOND e SOLLBERGER (orgs). **The Cambridge Ancient History Vol 2.1**. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

LIVERANI, Mario. **El Antiguo Oriente: Historia, Sociead y Economía**. Barcelona: Crítica, 1995.

MACQUEEN, J.G. The Hittites and their Contemporaries in Asia Minor. 2d edition. London: Thames and Hudson, 1986

MELLAART, James. Anatolia c 2300 – 1750 B.C. In: EDWARDS, GADD, HAMMOND e SOLLBERGER (orgs). **The Cambridge Ancient History Vol 1.2**: Cambridge University Press, 1971.

MELCHERT, H.C. Indo-European Languages of Anatolia. In: Sasson (org). **Civilizations of the Ancient Near East Vol 1**. New York: Simon & Schuster Macmillan, 1995.

_____. Introduction. In: MELCHERT (org). **The Luwians**. Boston: Brill, 2003

MICHEL, Cécile. **The Old Assyrian Trade in the light of Recent Kültepe Archives**. Journal of the Canadian Society for Mesopotamian Studies 3 [paru automne 2009], p. 71-82.